

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### A PRÁTICA LABORATORIAL INTEGRADA: APONTAMENTOS SOBRE A VIRADA EDITORIAL E PEDAGÓGICA DA CURINGA

Ana Carolina Lima Santos<sup>1</sup>; [outracarol@gmail.com](mailto:outracarol@gmail.com)  
Karina Gomes Barbosa<sup>2</sup>; [karina.barbosa@gmail.com](mailto:karina.barbosa@gmail.com)  
Michele da Silva Tavares<sup>3</sup>; [micheletavaresjor15@gmail.com](mailto:micheletavaresjor15@gmail.com)

#### RESUMO

Este artigo aborda a experiência pedagógica das autoras com a Curinga, revista-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, a partir da implantação da disciplina “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem” na nova matriz curricular, desenvolvida com base nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), e da virada editorial aí envolvida. O texto está estruturado em três eixos: primeiro, resgata-se a proposta da Curinga em sua fase inaugural; em seguida, destaca-se a mudança editorial e pedagógica que caracteriza a Curinga Dossiê, com produções de grandes reportagens para a revista impressa e produções digitais; e, por fim, aborda-se a readequação dos produtos e dos processos ao novo perfil editorial ao longo de quatro edições (n. 25, 26, 27 e 28).

#### PALAVRAS-CHAVE

Experiência pedagógica. Laboratório integrado. Dossiê. Grande reportagem. Curinga.

#### 1. UM POUCO DA HISTÓRIA DA CURINGA

Em novembro de 2011, a primeira turma de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) lançou a edição inaugural da Curinga, revista-

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora adjunta do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: [outracarol@gmail.com](mailto:outracarol@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora adjunta do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: [karina.barbosa@gmail.com](mailto:karina.barbosa@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora adjunta do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: [micheletavaresjor15@gmail.com](mailto:micheletavaresjor15@gmail.com).



JORNALISMO | ESPM

laboratório do curso, produzida pelos estudantes do sétimo período matriculados na disciplina “Laboratório Impresso II”, sob orientação de três professores – de texto, fotografia e planejamento visual. A publicação nascia vinculada ao objetivo pedagógico de aproximar os alunos da prática e dos fundamentos da futura profissão, em (mais) uma oportunidade de aplicar os conhecimentos e habilidades desenvolvidos ao longo da trajetória acadêmica na elaboração de um produto específico, sem perder de vista a reflexão teórico-conceitual envolvida no processo.

Como observa Fabrício Marques de Oliveira (2013, p.275), “o laboratório é o espaço em que se concretiza o diálogo com e entre as disciplinas do curso e, como tal, deve ter como meta a experimentação”. Assim, a experiência laboratorial que então tomava forma com a Curinga visava servir como um dos últimos degraus formativos para o corpo discente, posto que, nesse momento do curso, já tendo explorado em outras disciplinas obrigatórias e eletivas conhecimentos teóricos e práticos do fazer jornalístico, os estudantes podiam ir além para testar e por vezes e contestar possibilidades de apuração, produção e edição.

A proposta de uma práxis jornalística, também experimentada pelos estudantes no “Laboratório Impresso I”, onde, na antiga matriz curricular, produziam o jornal Lampião, se diferenciava pelo foco na revista como meio, de segmentação editorial. Para Márcia Benetti (2013, p. 51), “a segmentação é o eixo norteador do jornalismo de revista” – afirmação à qual fazem coro outros autores (BUITONI, 2013; STORCH, 2013; TAVARES e SCHWAAB, 2013). Marília Scalzo (2004), que também aposta na fragmentação e na especialização como marca, nota que a revista é sempre um encontro entre um editor e um leitor, capaz de criar afinidades identitárias que permitem ao jornalista chamar cada integrante do seu público de ‘você’. No primeiro editorial da Curinga, fica claro a quem a revista-laboratório busca chamar de ‘você’ nessa época: o jovem universitário. Tratava-se, inicialmente, de uma publicação feita por e para alunos.



JORNALISMO

ESPM



A vinculação entre as identidades desses estudantes pressupõe algo mais, como delineado no mesmo editorial. “Uma revista aberta ao debate e fechada ao preconceito” (CARMO, 2011, p. 3), anuncia-se de partida. Tal assertiva, que depois se torna lema da publicação, tem sido refletida nas angulações adotadas nas reportagens dessa e de outras edições. Assuntos culturais e comportamentais, que passam a dominar as pautas da Curinga em um primeiro momento, são enfrentados com audácia, de modo engajado. Na edição 10, o leitor também é convocado a pôr-se na linha de frente dessa iniciativa: “convidamos você a descobrir novas nuances acerca do espaço no qual habitamos. Acreditando nas indagações como forma de movimentação global e, mais que isso, de instigação” (GOMES e FONTES, 2014, p. 2). “Resistir em meio ao preconceito, à marginalização, à intolerância. Nas próximas páginas, vamos além: servir à, servir como instrumento de intervenção” (OLIVEIRA e FERREIRA, 2015, p. 4), diz-se de maneira mais contundente na edição 15.

Igualmente em consonância com outro atributo editorial da revista como meio, a Curinga é abalizada por uma questão temporal. Se, como defende Daisi Vogel (2013, p. 17), “toda revista propõe, de algum modo, uma reflexão sobre o contemporâneo; nunca uma representação do contemporâneo, mas uma apresentação materialmente estável de imagens justapostas, do presente e de quaisquer tempos” (VOGEL, 2013, p. 17), a revista-laboratório visa elaborar a montagem de materiais diversos que convergem no tempo e no espaço discursivo de cada edição. Para tanto, aposta-se em conteúdos de longa duração, atemporais ou ao menos temporalmente expandidos, ainda que impulsionados por questões coevas, manifestas ou latentes. Em alguns números, isso se dá por meio de uma aposta temática em que, deixando de lado a abordagem generalista, um mote é escolhido como fio condutor para toda a publicação, fornecendo diretrizes para cada reportagem. Ao longo dos anos, formulações concretas e abstratas foram definidas como tema norteador – por exemplo, das amarras dos padrões sociais (edição 5) às liberdades do universo da fantasia (edição 12), da certeza da iminência da morte (edição 11) à imprevisibilidade dos golpes da vida (edição 22).



Na edição 10, o projeto editorial da revista passa pela primeira grande remodelação. O público-alvo é reformulado: do jovem universitário ao jovem, de dentro ou de fora da academia. O engajamento e a sobredeterminação temporal são mantidos como linhas gerais, mas agora condicionados a um princípio dual-reflexivo. Resgatando do nome da revista a analogia às cartas do baralho, a Curinga investe na “noção de dualidade, de inverso: dois lados, duas faces, em um mesmo objeto. Essa ideia de dualidade foi, de certa maneira, ‘expandida’, por uma outra, a de reflexividade. A revista funcionando, dialeticamente, como um espelho de si mesma e do mundo” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 5). Uma estrutura padrão é adotada para materializar tal concepção. Divide-se a publicação em duas grandes editorias, ao mesmo tempo opostas e complementares. “Eu no mundo” traz um olhar externo, do indivíduo para o ambiente, contemplando reportagens que salientam a interação das pessoas transformando o entorno. “O mundo em mim”, por sua vez, oferece um olhar interno, do indivíduo para si mesmo, com reportagens que ressaltam as transformações que a sociedade imprime nos sujeitos. Entre as duas editorias, há uma passagem intitulada “Travessia”, normalmente composta por uma única reportagem especial que sintetiza os dois tipos de reflexão, externa e interna.

Foi assim que, até fevereiro de 2018, a revista-laboratório do curso de Jornalismo da Ufop existiu. Até aí, vinte e cinco edições (da 0 a 24) foram publicadas, duas a cada semestre<sup>4</sup>, sempre com tiragem de mil e quinhentos exemplares para distribuição gratuita, em especial nas cidades de Mariana e Ouro Preto, mas também para fora das divisas. A elas, alguns prêmios foram atribuídos, dentre os quais se destacam dois troféus de melhor revista-laboratório impressa da etapa regional da Expocom – Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação, organizada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em 2012 e 2015. Além do impresso, nesse período, a Curinga também produziu para as plataformas digitais, ainda que muitas vezes acanhadamente. A revista conta com um site

<sup>4</sup> Nesses anos, houve uma exceção. Em março de 2016, a Curinga lançou uma edição especial, produzida durante todo um semestre. A excepcionalidade foi motivada e inteiramente dedicada ao rompimento da Barragem da Samarco, empresa controlada pela Vale e pela BHP Billiton, que devastou parte do município de Mariana, onde está localizado o campus da UFOP que abriga o curso de jornalismo.



próprio e uma página no Facebook<sup>5</sup>, nos quais materiais exclusivos, complementares aos do papel, são postados.

## 2. A VIRADA PEDAGÓGICA E EDITORIAL

Após seis anos operando nesse eixo norteador, no primeiro semestre de 2018 a Curinga iniciou o processo de transição para um novo modelo editorial e pedagógico, com a edição 25, realizada ainda sob a matriz curricular antiga. No segundo semestre de 2018, foi ofertada pela primeira vez a disciplina “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem”, componente curricular obrigatório do sétimo período do curso em que os estudantes passam a produzir, a partir de então, a revista-laboratório e os produtos digitais aliados a ela. O modelo, vigente hoje, vinha sendo gestado desde 2013, quando o curso de Jornalismo começou a discutir a reformulação de seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e a nova matriz curricular, tendo como norte as mudanças introduzidas pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), aprovadas em setembro de 2013<sup>6</sup>. Na nova matriz curricular, o “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem” cumpre um papel de articulação perceptível entre os seis eixos de aprendizado apresentados pelas DCNs (2013) e integra uma das artérias pedagógicas concebidas pelo curso, a laboratorial (ao lado dos eixos teórico e prático), funcionando de modo complementar ao “Laboratório Integrado I”, no qual é produzido o jornal Lampião. Continua sendo ministrado por docentes de três áreas<sup>7</sup>, que atuam em parceria na disciplina de 120 horas em duas turmas de até 25 estudantes.

Se antes os produtos laboratoriais Lampião e Curinga eram centrados na cultura do impresso, com a reformulação da matriz curricular o foco recai na integração de linguagens, com objetivos específicos em cada um dos laboratórios e tendo como resultado não apenas produtos impressos – o jornal e

<sup>5</sup> O site está hospedado no servidor da universidade: [www.revistacuringa.ufop.br](http://www.revistacuringa.ufop.br). A página no Facebook leva o nome da revista: [www.facebook.com/revistacuringa](https://www.facebook.com/revistacuringa). Além disso, todo o acervo digital da revista está disponível no repositório Yumpu: [www.yumpu.com/user/revistacuringa](http://www.yumpu.com/user/revistacuringa).

<sup>6</sup> No processo também foram levadas em conta outras legislações que regem o ensino superior do país e regulamentações internas da Ufop.

<sup>7</sup> Até então, passaram pela disciplina os professores Dayane do Carmo Barretos (fotografia e planejamento visual), Flávio Valle (fotografia) e Frederico Tavares (texto). Atualmente, são as autoras deste artigo que ministram a disciplina: Ana Carolina Lima Santos (fotografia), Karina Gomes Barbosa (texto) e Michele da Silva Tavares (planejamento visual).



a revista – mas também digitais. A opção por uma perspectiva integrativa segue as recomendações das DCNS (2013, p. 2), que prevê que “o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão”. E, mais do que isso, trilha aquilo que se observa na lógica da própria atividade profissional, cada vez mais convergente. “A cultura da convergência está permitindo uma reconfiguração das publicações já existentes, bem como a criação de novas publicações que dialoguem com outras mídias” (OLIVEIRA, 2013, p. 275).

Na Curinga, a proposta laboratorial é de imersão verbo-visual na narrativa da grande reportagem para a produção de uma revista e de conteúdos para site e redes sociais (atualmente, Facebook, Instagram, YouTube e, em menor escala, Twitter<sup>8</sup>). Propõe-se que a revista represente uma chance de mergulho em processos produtivos do jornalismo apreendidos ao longo de todo o curso, próximo à conclusão da formação acadêmica do corpo discente, possível pelos esforços demandados pela grande reportagem, que se estende pelas páginas impressas e pelo ambiente digital.

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), a grande reportagem é o lugar de excelência da narração jornalística, onde se narram as peripécias da atualidade. Já Ricardo Kotscho (2000) destaca a exploração em profundidade dos temas, por diversos ângulos. “No fundo, uma grande reportagem é só isso: ver as coisas de perto, com tempo; cheirar, com calma”, define Kotscho (2000, p. 78). Cremilda Medina (1988, p. 115) destaca a dimensão temporal da narrativa da grande reportagem, ao dizer que esta “[...] abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente” – o que parece coincidir como a montagem entre tempos sinalizada por Vogel (2013) como própria ao jornalismo de revista. Finalmente, Daniela Arbex (2012) ressalta a importância do método e da qualidade da apuração na produção da grande

<sup>8</sup> As novas redes sociais da revista também levam o nome da publicação: [www.instagram.com/revistacuringa](http://www.instagram.com/revistacuringa), [www.youtube.com/channel/UCKNm66SbaNKLaFZGN-\\_BpnQ](http://www.youtube.com/channel/UCKNm66SbaNKLaFZGN-_BpnQ) e <https://twitter.com/revistacuringa>.



reportagem, à qual define como uma radiografia que significa uma renovação diária do empenho de apurar e do compromisso social do jornalismo.

Desde a edição de transição e da implantação do novo modelo foram produzidas quatro edições da revista. Em todas desenvolve-se, gradativamente, o conceito de dossiê. Emprestada do campo das ciências da informação, a ideia de dossiê tem a ver com uma reunião de unidades em torno de parâmetros temáticos (CAMPOS, 2017), ou, de acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, com um “conjunto de documentos relacionados entre si por assunto” (2005, p. 80).

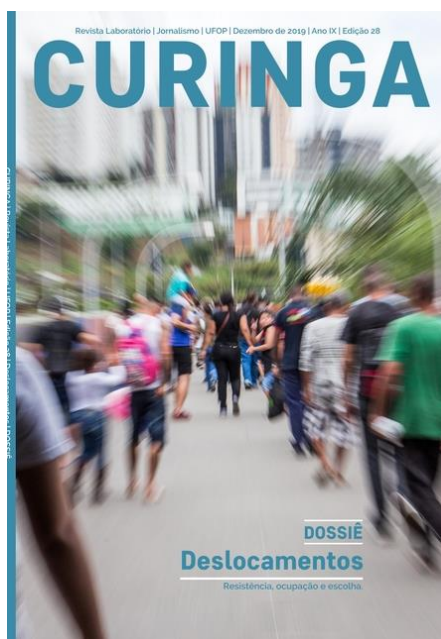
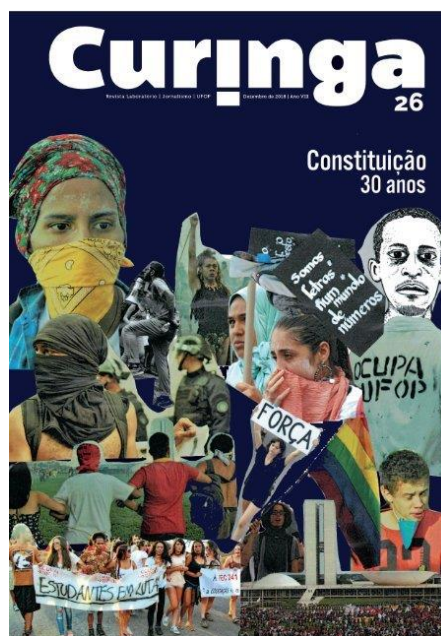
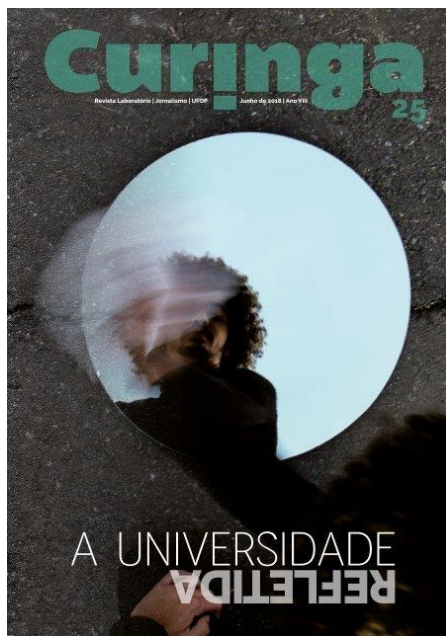
Afastando-se da visão de Kucinski (2002) do jornalismo de dossiês como uma expressão deturpada do jornalismo, no âmbito da disputa de poder no campo da mídia, mas ao mesmo tempo encontrando certo eco nas palavras do autor, que pensa o dossiê como um “inventário de fatos”, a Curinga percebe o dossiê, jornalisticamente, como uma tentativa de esgotamento de um tema, em busca de dar conta de um todo, cercando um assunto “por todos os lados e sob uma perspectiva atual, com gancho, sem que nada ‘escape’”, conforme o projeto editorial da revista<sup>9</sup> (CURINGA, 2019, p. 7). Nesse sentido, propõe-se um jornalismo de teor testemunhal, de tom documental, que seja atravessado pelos eixos investigativo, interpretativo e explicativo, produzindo um panorama sobre determinado assunto.

O projeto da revista-laboratório prevê, a partir dessas premissas, três possibilidades de enfoque para os dossiês: um tema, uma efeméride ou um acontecimento. Até o momento, a revista produziu um dossiê sobre uma efeméride (os 30 anos da Constituição) e três dossiês temáticos (universidade, cultura extrativista e deslocamentos), conforme as figuras 1 a 4. Todas as edições reúnem grandes reportagens marcadas pela articulação constante entre visualidades e narrativas textuais, ancoradas ainda na experimentalidade que marca os veículos laboratoriais. Em 2019, o modelo editorial de dossiês

<sup>9</sup> O projeto editorial, ao lado do projeto gráfico e do manual de redação, integra um documento chamado Manual de Jornalismo da Curinga, que tem sido produzido, aperfeiçoado e atualizado continuamente por cada turma que cursa a disciplina.



documentais foi reconhecido nacionalmente na Expocom da Intercom, com a premiação na categoria revista-laboratório à edição 26.



Figuras 1 a 4. No sentido horário, edições 25, 26, 27 e 28 da Curinga, nas quais a revista-laboratório foi produzida dentro do novo modelo editorial e pedagógico. Fonte: Yumpu.

Essa virada editorial não apaga a história produzida pela Curinga, ao contrário: a integra e atualiza dentro dos atuais parâmetros pedagógicos e profissionais. Assim, as três editoriais, “Mundo em mim”, “Eu no mundo” e





“Travessia”, se mantêm, ainda que não haja apenas uma reportagem especial – no dossiê, todas as pautas demandam um movimento imersivo –, mantendo-se a perspectiva de reflexividade. A partir dessa postura editorial, também se modifica a concepção do público-alvo da revista. O leitor da Curinga passa a ser concebido não mais a partir de um perfil etário, e sim como um sujeito crítico, interessado em questões contemporâneas e na possibilidade de aprender novas perspectivas sobre um assunto. Não à toa, o editorial da Curinga 27 (2019, p. 4) convida o leitor a “pensar”, “refletir”, “discutir” e “conhecer”, ações que buscam interpelar o material jornalístico e que se coadunam à proposta da edição 28 (2019, p. 5), em que a revista se apresenta como “um convite, uma provocação, uma experimentação e uma possibilidade”. Tal missão evidencia ainda seu caráter laboratorial como espaço de aprendizado, fundamental na formação de jornalistas críticos e engajados com o mundo que reportam.

### 3. OS PRODUTOS E OS PROCESSOS DA CURINGA DOSSIÊ

A virada editorial da revista Curinga, motivada pelas mudanças pedagógicas da disciplina “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem”, trouxe alguns desafios para professores e estudantes. Entre eles estão o amadurecimento da proposta de uma revista de grandes reportagens em formato dossiê, a implementação do redesenho do projeto gráfico de modo a adequá-lo ao novo perfil editorial – o que também inclui repaginar a identidade visual da marca “Curinga” – e o reordenamento das rotinas produtivas, sobretudo no sentido de valorizar a imersão narrativa e a integração entre linguagens. O enfrentamento a esses desafios foi se dando, de forma gradativa, desde a edição 25.

Nessa edição, com o dossiê “Universidade refletida”, testa-se pela primeira vez o formato dossiê. Ele é anunciado na capa, com uma manchete com a temática. Uma seção de entrevista, resgatada dos primeiros números, é incorporada com centralidade, sempre buscando nomes relevantes a cada tema. Na ocasião, o entrevistado é o ex-ministro da Educação Fernando Haddad, que



abre a revista (p. 5-9). No que concerne ao visual, alguns ajustes gráficos são realizados, como o emprego de fios na creditação das reportagens, em olhos e frases de destaque. A partir de então, um hot site<sup>10</sup> passou a ser criado a cada edição para abrigar as produções multimídia, sendo igualmente subdividido de acordo com as três editorias. Nele, a integração das linguagens é dada a partir da articulação verbo-visual, que, dada a multimodalidade do digital, inclui também áudios e vídeos.

Na edição 26, do dossiê “Constituição 30 anos”, há um significativo movimento de ruptura com o projeto editorial anterior. O uso das fotografias, antes mais pontual, ganha destaque, assimilando a natureza da grande reportagem de forma mais efetiva. Se, antes, a foto tendia a servir de ilustração, agora passa a servir como material informativo, de acento também narrativo. Configuram-se, aí, fotorreportagens propriamente ditas, na acepção postulada por Helouise Costa (2012, p. 316), segundo a qual a fotografia oferece “uma interpretação especificamente visual sobre os acontecimentos”. Nesse número, a fotorreportagem retrata a ocupação Dandara, em Belo Horizonte (p. 54-61). As imagens produzidas no local, mais documentais, também são utilizadas nas páginas de divisão das três editorias, que antes costumavam seguir uma lógica ensaística mais abstrata e metafórica. Visualmente, outra ruptura se deu, com o padrão anterior de fólio superior aplicado às retranscricões das reportagens, que foi substituído por fios preenchidos com as cores das seções. Na edição também foi explorada uma estética que referencia as colagens dadaístas dos zines contemporâneos<sup>11</sup> para a composição da capa e da home do hot site<sup>12</sup>, além da disposição dos títulos de algumas reportagens e das páginas editoriais (expediente, sumário, editorial e capas de editorias) inspirados no movimento construtivista<sup>13</sup>, porém, sem um padrão tipográfico.

<sup>10</sup> Hot site da edição está disponível em: [www.jnegromonte.wixsite.com/revistacuringa](http://www.jnegromonte.wixsite.com/revistacuringa).

<sup>11</sup> A aproximação estética entre os dois movimentos tem motivação político-artística, que remetem à quebra de padrões e à possibilidade narrativa a partir de fragmentos e sobreposições. A ideia é pensar a visualidade desses trinta anos da Constituição sem recorrer aos mesmos referenciais amplamente acionados pela mídia, como a foto da constituição, o verde e amarelo como símbolos nacionalistas, entre outros. Recorremos aos vestígios desse tempo democrático, registrados pela fotografia, sobrepostos ao azul (em tom mais escuro que o tom da bandeira). “Rasgos que não se trata apenas do corte físico, mas também do valor simbólico que possuía como ruptura com o passado, com a linearidade” (OLÍVIA-MELO e PORTINARI, 2018, p.11).

<sup>12</sup> Hot site da edição está disponível em: <https://revistacuringa.wixsite.com/edicao26>.

<sup>13</sup> A estética construtivista foi aplicada a tendências diversas, como pintura, arquitetura e design gráfico. Uma das metas é combinar palavras e imagens numa experiência simultânea – composição palavra-imagem. “De maneira geral, os



Na edição 27, com o dossiê “Cultura Extrativista”, levando em conta as modificações que estavam sendo delineadas nos números anteriores, o projeto gráfico é reinventado. Já na capa, as primeiras alterações se tornam visíveis. O logotipo da revista, cuja tipografia foi modificada de forma a dialogar com o peso documental explorado pela Curinga, ganha o acréscimo da palavra “dossiê”. Três retrancas são adicionadas para sintetizar o tema do dossiê, em consonância com as três editorias da revista. Nessa, as palavras-chave foram: “Força, movimento, vidas”. A lombada da revista passou a ser editorada de forma que remeta ao produto impresso uma materialidade de objeto colecionável, com as informações editoriais que identificam o produto (“CURINGA/Revista Laboratório / UFOP / Edição 27 / Cultura Extrativista / DOSSIÊ”), o que também confere maior destaque para a questão institucional da produção. No miolo da publicação, outras alterações aparecem. Busca-se um maior equilíbrio entre o texto, as imagens e os espaços em branco, o que inclui ajustes nas margens das colunas, na padronização da tipografia dos títulos, legendas, olho, frases em destaque, créditos e fólio superior de identificação, além do uso de fios no contorno das fotografias e dos créditos, como elemento finalizador de reportagem, entre outros usos.

A elaboração do novo projeto gráfico, formalizada em um documento então remodelado, trouxe à tona uma reflexão e experiência pedagógica importante: pensar os limites da experimentação a partir de diretrizes bem definidas, sem que a produção seja engessada, mas de forma que explore outras possibilidades de criação visual. Os estudantes foram instigados a pensar o documental para além da narrativa verbal, explorando os diversos elementos da visualidade, como a fotografia, a infografia, a tipografia e a paleta de cores. O novo uso da fotografia, sedimentado nos moldes da fotorreportagem na edição anterior, se expande em um ensaio exclusivo para a capa, contracapa e capa das três editorias, entendidos como outro espaço de experimentação documental, dinâmica que permanece no número seguinte. Na edição 27, o ensaio dá a ver o

---

construtivistas acreditavam no emprego racional de material útil para criar objetos de uso comum ou encontrar soluções para problemas de comunicação” (HURLBURT, 2002, p.26). Assim, a aplicação de contrastes tipográficos a partir de diferentes tipos e tamanhos nos títulos, como na reportagem “Brasil, um país ainda laico” (p.18-25), remete ao exercício de experimentar a composição palavra-imagem para provocar efeitos de sentido e chamar atenção para a reflexão proposta pelo texto ao destacar algumas palavras.



dia a dia de um trabalhador da atividade carvoeira, que adiciona valor informativo-narrativo à temática do dossiê.

Na edição, a produção do hot site<sup>14</sup> se destaca por apresentar conteúdos exclusivos de maior fôlego, complementares ao impresso, mas não como mera “chamada” para ele, como acontecia até então. É o caso da linha do tempo sobre um distrito ouro-pretano, adicional à reportagem impressa sobre ele, “Miguel Burnier resiste” (p. 12-15). Além disso, ao hot site também é aplicado o projeto gráfico como forma de padronização e manutenção da identidade visual do conjunto, seja nas vinhetas, nas infografias, na paleta de cores das fotografias e dos fios, etc.

Na edição 28, com o dossiê “Deslocamentos”, um novo esforço de experimentação afinado às novas diretrizes traçadas é percebido. Além das reportagens, abre-se espaço para outros gêneros textuais, até então não explorados na nova proposta editorial: a crônica e a carta (ambas em “Para todos os povos e cores?” [p. 36-43]) e o perfil (“Ser enquanto verbo: liberdade e reconstrução” [p. 46-53]), todos calcados na perspectiva metodológica da apuração da grande reportagem.

O hot site<sup>15</sup>, além de desdobramento das pautas com angulações diferentes da revista, ganha pautas exclusivas que não constam no espelho da edição impressa: uma reportagem sobre trabalho digital e uma série de podcasts sobre a música na Região dos Inconfidentes. Há também uma maior integração das linguagens e a experimentação de diversas ferramentas para a produção de peças visuais, audiovisuais e sonoras, a exemplo do Infogram (para infografias) e o StoryMapsJS (para produção de mapa interativo). De forma inédita, cria-se um plano de conteúdo para atuação nas redes sociais, que impulsiona esses espaços.

Durante o período de produção dessa edição, paralelamente, os alunos se dedicaram à consolidação do Manual de Jornalismo da Curinga, documento editorial norteador da produção que abrange, entre outros itens, o Manual de Redação, o Projeto Gráfico, o Projeto Fotográfico e o Projeto Editorial

<sup>14</sup> Hot site da edição está disponível em: [www.revistacuringa.wixsite.com/edicao27](http://www.revistacuringa.wixsite.com/edicao27).

<sup>15</sup> Hot site da edição disponível em: [www.revistacuringa.wixsite.com/edicao28](http://www.revistacuringa.wixsite.com/edicao28).



Multimídia – os dois últimos, até então, não possuíam um registro formalizado que guiasse o trabalho dos repórteres e editores.

Em relação ao reordenamento da rotina de trabalho, um dos maiores desafios enfrentados na disciplina “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem” tem sido a integração da produção para o impresso e o multimídia de forma concomitante. Isso implica em uma percepção da singularidade de cada um dos produtos (revista, site e redes sociais), integrados por uma proposta editorial, porém com desdobramentos e linguagens distintas. Pela cultura do impresso, até então dominante da Curinga, levou tempo até que se entendesse decididamente que o conteúdo para o multimídia não deveria ser o que “sobra” do impresso ou o que “não coube” nas páginas, mas um conteúdo pautado, apurado, formatado e editado especificamente para o hot site ou para uma das redes sociais.

Para ajudar na assimilação dessa particularidade, alguns ajustes na estruturação do ciclo produtivo foram realizados na edição 28. A disciplina, que possui 120 horas, é ofertada ao longo de dois dias consecutivos, com uma média de 36 dias letivos. As atividades iniciam com pelo menos três aulas expositivas que versam sobre os eixos conceituais que ancoram a proposta editorial, como a grande reportagem e o dossiê, com atenção não apenas aos aspectos verbais por eles mobilizados, mas também ao papel da fotografia e das visualidades como um todo, no impresso tanto quanto no multimídia.

Depois disso, inicia-se a fase de pré-produção, que engloba algumas atividades avaliativas cruciais: análise das edições anteriores, definição da temática do dossiê, divisão das funções editoriais, reunião de pauta, montagem do espelho da edição, produção e apresentação das pautas estendidas. Entre essas atividades de pré-produção, a análise das edições anteriores foi incluída como forma de minimizar certo estranhamento ao novo projeto editorial e gráfico da revista, sobretudo à ideia de dossiê e à aposta em um entendimento mais informativo-narrativo das visualidades. A definição da temática e a produção das pautas estendidas também foram adaptadas, como forma de ajustar a rotina produtiva às novas demandas editoriais. Na edição 28, a equipe



JORNALISMO



de professoras passa a fornecer três opções de temas para o dossiê, em uma aula específica para apresentação e debate sobre os assuntos propostos. Ao final dela, a turma delibera a temática do dossiê. Antes, os professores apenas comunicavam o tema aos estudantes, o que, muitas vezes, gerava insatisfação e/ou dificuldade de interlocução com a proposta. Com a definição da temática, assim como já ocorria antes, cada aluno apresenta duas propostas de pautas e, a partir delas, os editores<sup>16</sup> selecionam aquelas que entram na edição. Entretanto, ao contrário do que acontecia antes, para ampliar o tempo de imersão e amadurecimento da pauta, a fim de que seu processo de apuração fosse criteriosamente acompanhado por professores e editores, um tempo extra para a produção de pautas estendidas foi estabelecido.

A construção das pautas estendidas já é realizada pelas equipes de reportagem definidas, normalmente compostas por um repórter de texto, um repórter fotográfico e um repórter visual. Ao longo de dois ou três dias de aula (além de algum tempo fora de sala), eles trabalham em prol da elaboração da pauta estendida, documento de apuração com angulações delimitadas, abordagens factíveis, fontes mapeadas e previamente contatadas. Além disso, respeitando a integração entre impresso e digital, as pautas já devem trazer delineamentos para a revista tanto quanto para o hot site ou redes sociais. Finalizada esta etapa, as pautas estendidas são apresentadas à turma e, assim, os editores procedem à montagem do espelho da edição impressa e do hot site (com o formato e a linguagem de cada reportagem da revista e cada peça multimídia), bem como à previsão do plano de conteúdo para as redes sociais. A etapa de pré-produção, que se encerra com isso, tem uma duração média de quatro semanas.

Na sequência, as equipes iniciam a produção do dossiê. Os repórteres (principalmente, texto e fotografia) começam o trabalho de apuração propriamente dita, com saídas à campo e com retornos à redação para acompanhamento das professoras e dos editores. Os editores, também sob

<sup>16</sup> O número de editores pode variar de acordo com a quantidade de estudantes matriculados na disciplina, mas as funções editoriais previstas são: editor-chefe, editor de texto, editor de fotografia, editor visual, editor de multimídia, editor de audiovisual, editor de sonora, além dos revisores.



supervisão das professoras, realizam atendimentos às equipes, deliberam a respeito de decisões editoriais (rearranjos no espelho, mudanças de angulações, remanejamento de repórteres, entre outras). Paralelamente, a equipe visual (repórteres e editor) dá início ao trabalho de elaboração de ajuste da página mestre, com as definições gráficas adequadas ao tema do dossiê, e prepara a “boneca” da edição impressa. Além disso, participa do processo de apuração para as peças visuais que eventualmente sejam demandas e, também, cuida da identidade visual da edição no hot site e nas redes sociais. Essa etapa de produção dura aproximadamente quatro semanas. Nesse período, as equipes apresentam pelo menos três versões do material bruto apurado (com intervalos de uma semana, em média, entre uma e outra), realizam reuniões de balanço de produção para eventuais adequações e fazem os primeiros movimentos para a editoração das páginas impressas. O conteúdo multimídia apurado também é discutido com os editores vinculados ao hot site e às redes sociais (multimídia, sonora e audiovisual) para ajuste do plano de conteúdo, produção e edição das peças.

Em seguida, ao longo de mais quatro semanas, a turma inicia o processo de edição. Nessa fase, os editores trabalham mais arduamente para formatar o texto final, selecionar e tratar fotos e dar unidade visual ao todo. Os revisores também se dedicam à conferência de cada página, corrigidas com afinco. A versão impressa finalizada é, então, apresentada à turma e, depois de possíveis últimos ajustes, realiza-se o fechamento do arquivo para envio à gráfica. Paralelamente, as equipes de produção, juntamente com os editores envolvidos no multimídia, encaminham a edição final das produções, que, por sua vez, à medida que finalizam as peças, são postadas no hot site e nas redes sociais.

As três últimas semanas do ciclo produtivo são voltadas para o processo de autoavaliação junto às equipes de reportagem e editores, lançamento da revista impressa (à essa altura, espera-se que a edição já tenha retornado da gráfica) e apresentação do hot site com as postagens finalizadas, bem como dos últimos materiais para as redes sociais. Esse momento de reflexão sobre a produção, de percepção coletiva sobre o todo, antecede a divulgação das notas



finais dos estudantes, cuja avaliação é ponderada em termos de produto e processo, com pesos distintos para a nota individual e a nota coletiva – parâmetros amplamente explicitados nas primeiras aulas, porém nem sempre apreendidos de partida pelos alunos.

Assim, o sentido da rotina integrada do laboratório, para além das possibilidades experimentais no que se refere à combinação das linguagens na empreitada imersiva da grande reportagem, revela-se também no momento da autoavaliação em que a soma dos esforços individuais e coletivo é percebida no resultado do produto e no reconhecimento dos empenhos empreendidos (ou não) ao longo do processo. Ou seja, o dossiê não é mérito da equipe de editores ou de uma equipe de reportagem específica, embora tais atuações sejam decisivas. O produto é, principalmente, reflexo de um trabalho coletivo em que o desempenho e engajamento “integrado”, de cada uma das partes envolvidas, é fundamental para que o entendimento de que o jornalismo é exercido no plural – um dos grandes aprendizados da disciplina.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Curinga, desde sua virada editorial e pedagógica, tem rendido, para além dos produtos (revista, site e redes sociais), uma série de ensinamentos. Para as professoras envolvidas, do mesmo modo. Foi possível, a partir da experiência aqui relatada, perceber que há algumas questões bem específicas que muitas vezes atravessam o rendimento produtivo do “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem”, como última disciplina obrigatória laboratorial. No sétimo período, tecnicamente, o aluno regular cursou no semestre anterior o “Laboratório Integrado I” – disciplina com 210h e que está distribuída ao longo de quatro dias na semana, que lhes fornece um preparo para a dinâmica prevista nesse segundo laboratório integrado. Além disso, vale destacar que o estudante matriculado na disciplina, geralmente, já apresenta um percurso formativo amadurecido, com interesses em áreas de atuação mais definidos, o que permite um aproveitamento mais eficaz da experiência laboratorial. Esse perfil de atuação dos alunos favorece, inclusive, o desenvolvimento da







percepção de que a produção de uma grande reportagem em formato de dossiê impresso e multimídia, além de demandar domínio conceitual, envolve também a gestão de crise no âmbito das equipes, gestão dos recursos muitas vezes escassos para o deslocamento e produção do conteúdo jornalístico e demanda uma postura ética permanente diante dos tensionamentos apresentados pelas pautas e pelas fontes de informação.

Por outro lado, no sétimo período, entende-se que os estudantes costumam estar cursando o estágio obrigatório, o que os mantém cada vez mais envolvidos e mais próximos do mercado de trabalho. Eles também estão seguindo o percurso esperado do aluno regular, em processo de produção do Trabalho de Conclusão de Curso. Isso significa que o fôlego para produção de um material editorial, dentro de um componente curricular obrigatório, parece ofuscado pelas demandas do processo de finalização da graduação e pelas preocupações naturais com o porvir. A reformulação da revista, visando o formato da grande reportagem e do dossiê, também atende à finalidade de envolver o corpo discente de maneira mais efetiva, por aquilo que exige de imersão em certo assunto – e que parece estar funcionando bem.

Tal mergulho, ainda que embaraçado em meio a adversidades (do estágio, do TCC, etc.), tem também permitido novas visadas. Como ensina Oliveira (2013), é preciso que o laboratório se configure como um “espaço de liberdades”, em que um modo de fazer jornalístico seja experimentado, a despeito das dificuldades que se impõem aos estudantes. Tem-se, pois, também aí uma chance de se elaborar “[...] uma estética do precário, ou seja, aquela que permite, mesmo em momentos espinhosos, a criação de um produto de qualidade” (OLIVEIRA, 2013, 275). Assim, acredita-se, tem acontecido na nova Curinga.

Há, claro, outras questões editoriais e pedagógicas que precisam maturar. Do ponto de vista editorial, o processo de reformulação da matriz curricular, motivada pela mudança nas DCNs e que culmina em uma nova proposta pedagógica para a disciplina e para os produtos finais, instaurou, nas últimas edições, um amadurecimento e uma reavaliação constantes, que devem



permanecer a cada semestre. Principalmente porque, com a mudança editorial, ainda falta repensar com mais vagar a quem se destina a revista e suas produções multimídias. Embora se presuma que, com o dossiê, o leitor da *Curinga* se descola do perfil etário traçado anteriormente, o novo público-alvo, esse sujeito crítico, ainda merece ser melhor investigado. Imagina-se que, dessa maneira, as especificidades do impresso e do digital possam ser aproveitadas para estabelecer pontes com leitores distintos, com os quais os formatos adotados devem dialogar efetivamente, com o desejo de chamá-lo de “você”, como diz Scalzo (2004). Sob o enfoque pedagógico, igualmente por conta da reformulação, convém continuar realizando uma autoavaliação que ultrapassa os limites da disciplina, porque reverbera no todo: implica uma autoavaliação de todos os docentes, enquanto curso, sobre o tipo de produção que os estudantes demandam bem como sobre a compreensão dos benefícios para sua formação acadêmica e profissional, considerando os desafios do mercado editorial e da própria atuação jornalística.

## REFERÊNCIAS

- ARBEX, Daniela. “Métodos de pesquisa e investigação”. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (orgs.) **Reportagem, pesquisa e investigação**. Florianópolis: Insular, 2012.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- BENETTI, Márcia. “Revista e jornalismo: conceitos e particularidades”. In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- BUITONI, Dulcilia Schroeder. “Revista e segmentação: dividir para reunir”. In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- CAMPOS, José Francisco Guelfi. Arquivos pessoais: facetas de um dilema. In: ANDRADE, Ana Célia Navarro de (org.). **Arquivos, entre tradição e modernidade**, volume 2. 2a ed. São Paulo: ARQ-SP, 2017.
- CARMO, Ruleandson. “Editorial”. **Curinga**, n. 0, nov. 2013.



COSTA, Helouise. "A invenção da revista ilustrada". In: COSTA, Helouise; BURGI, Sergio (org). **As origens do fotojornalismo brasileiro: um olhar sobre O Cruzeiro**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

CURINGA (Mariana). **Manual de Jornalismo**. Mariana: Ufop, 2019. 36 p.

CURINGA. "Editorial". **Curinga**, n. 28, dez. 2019.

CURINGA. "Editorial". **Curinga**, n. 27, jun. 2019.

GOMES, Cristiano; FONTES, Bruna. "O mundo que habita o mundo". **Curinga**, n. 10, maio 2014.

HURLBURT, Allen. **Layout: o design da página impressa**. São Paulo: Nobel, 2002.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. Notas sobre o jornalismo de dossiês. **Observatório da Imprensa**, Campinas, v. 189, doc. sem paginação, 11 set. 2002. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/notas-sobre-o-jornalismo-de-dossis>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 6ª ed. São Paulo: Summus, 1988.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução no. 1, de 27 de setembro de 2013: Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Jornalismo. Brasília, 2013.

OLIVEIRA, Ana Clara; FERREIRA, Marília. "Editorial". **Curinga**, n. 15, jul. 2015.

OLIVEIRA, Daniella Andrade et al. "Revista Curinga: um todo editorial". **Anais do XXII Prêmio Expocom – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação**, 2015.

OLIVEIRA, Fabrício Marques de. "A revista em sala de aula: edição e práticas laboratoriais em contexto de convergência". In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

OLÍVIA-MELO, Camila; PORTINARI, Denise. Materialidade no tecido da vida: colagens dadaístas e zines feministas. **Revista Tríades**, v.7, n.1, mar. 2018. Disponível em: <<https://triades.emnuvens.com.br/triades/article/view/59>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

STORCH, Laura. "Revista e leitura; sujeitos em interação". In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.





JORNALISMO



TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges. "Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos". In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

VOGEL, Daisi. "Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias". In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.



JORNALISMO

